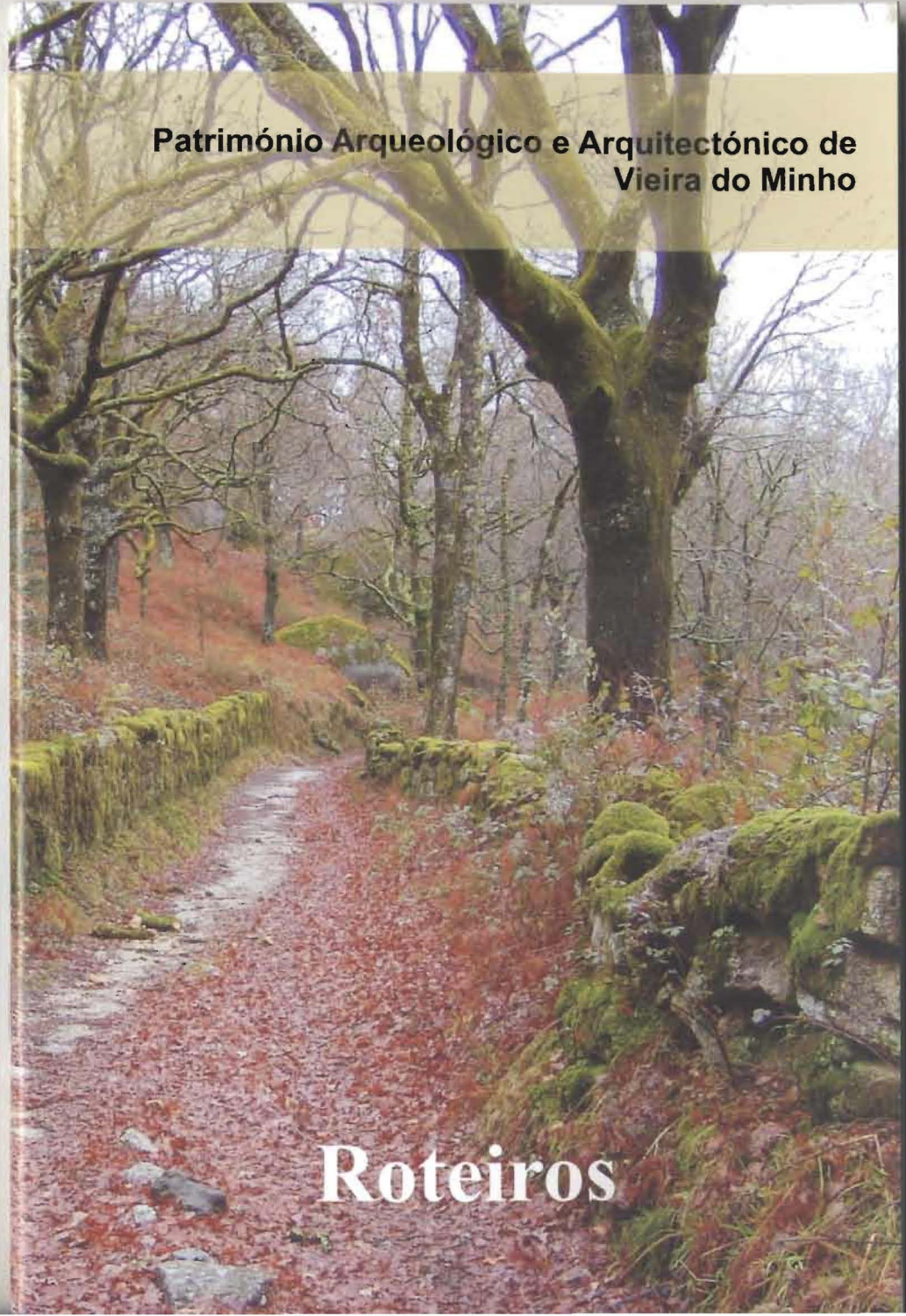
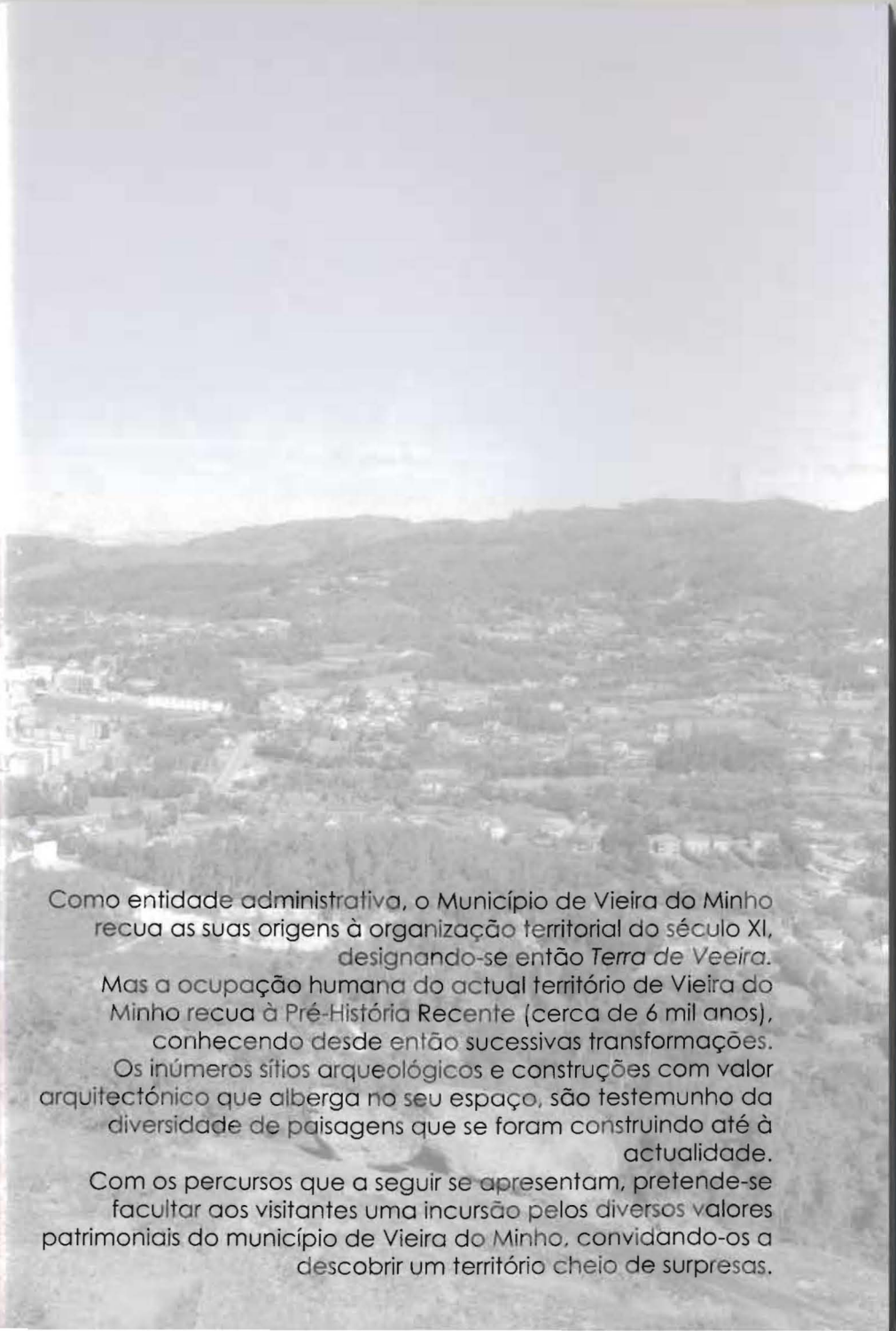


**Património Arqueológico e Arquitectónico de
Vieira do Minho**

Roteiros





Como entidade administrativa, o Município de Vieira do Minho recua as suas origens à organização territorial do século XI, designando-se então *Terra de Veeira*. Mas a ocupação humana do actual território de Vieira do Minho recua à Pré-História Recente (cerca de 6 mil anos), conhecendo desde então sucessivas transformações. Os inúmeros sítios arqueológicos e construções com valor arquitectónico que alberga no seu espaço, são testemunho da diversidade de paisagens que se foram construindo até à actualidade.

Com os percursos que a seguir se apresentam, pretende-se facultar aos visitantes uma incursão pelos diversos valores patrimoniais do município de Vieira do Minho, convidando-os a descobrir um território cheio de surpresas.

Povoamento Pré-histórico: abrigos e necrópoles "megalíticas"

EXTENSÃO 5 Km

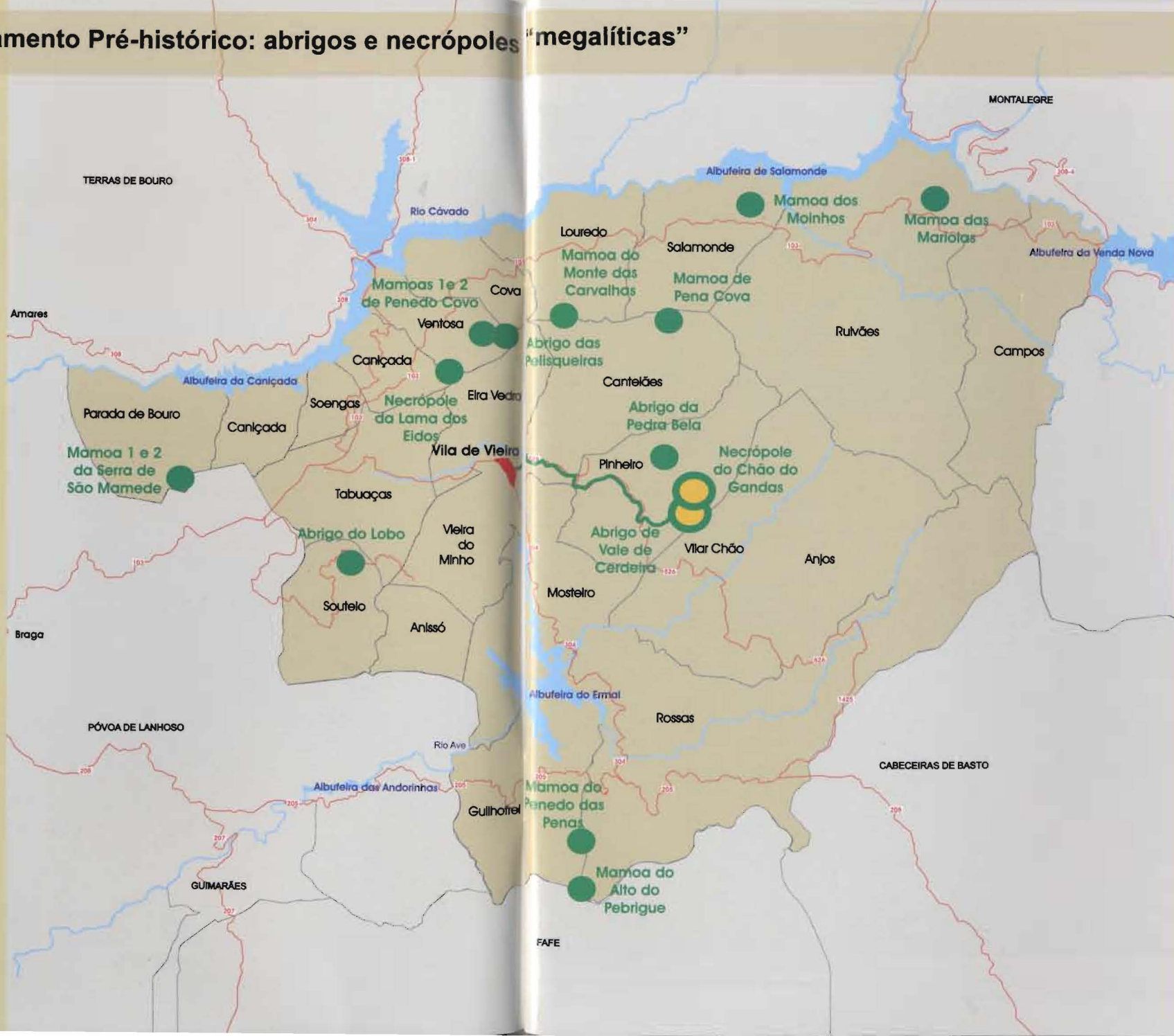
DURAÇÃO 2 Horas

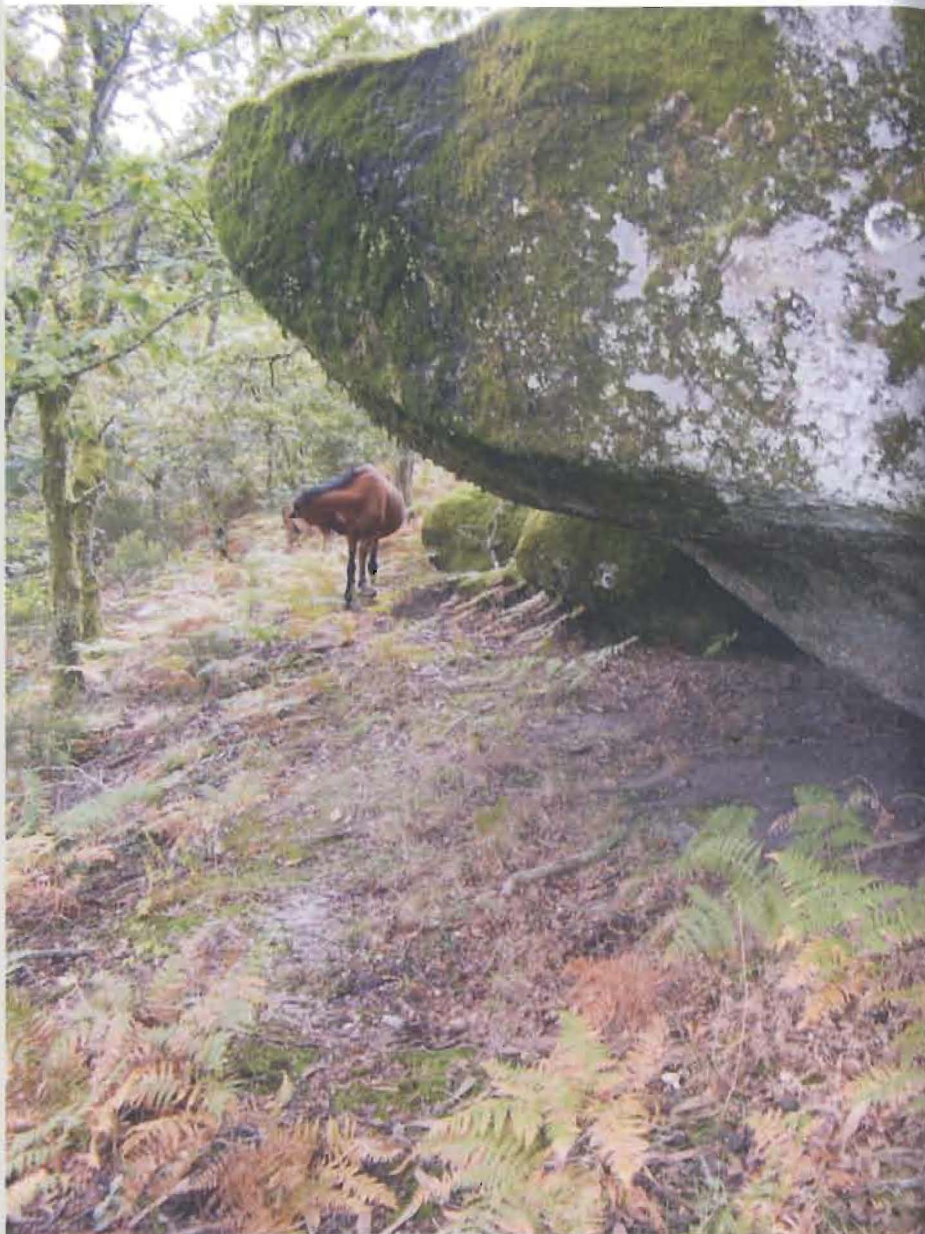
ACESSOS

A partir da vila de Vieira do Minho, servida pela EN 304. Ligações em Cerdeirinhas, na EN 103.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

O acesso é feito de viatura apenas até às proximidades do Abrigo de Vale de Cerdeira, devendo levar calçado adequado para subir o monte. Quanto à necrópole do Chão do Gandas, poderá estacionar a viatura no local. Não existe sinalização, nos sítios, pelo que deve tirar dúvidas perguntando aos habitantes locais.





Abrigo de Vale Cerdeira. Do tipo "pala", é composto por vários afloramentos graníticos, localizados a meia encosta, em zona abrigada e próxima de linhas de água. A intervenção arqueológica aqui realizada, permitiu recolher espólio lítico diverso, recuando a data mais antiga a seis mil anos.



Mamao 1 do Chão do Gandas. Vista geral evidenciando a perfil da calate que recobre a câmara sepulcral.



Mamao 3 do Chão do Gandas. Pormenor da depressão central com afloramento de esteias da câmara sepulcral.

Os vestígios mais antigos de ocupação humana correspondem a abrigos rupestres sob lapas rochosas e a tumulações do tipo megalítico, estas mais frequentemente conhecidas por "mamoas", devido aos amontoados de terra e calhaus que recobriram outrora as câmaras sepulcrais.

Trabalhos recentes de investigação arqueológica, permitiram estudar os abrigos de Vale de Cerdeira, Pedra Bela, Pala do Lobo e de Pelisqueiras, confirmando-se a sua ocupação desde há cerca de 6.000 anos, vinculando-se provavelmente aos períodos culturais do Mesolítico e/ou do Neolítico. Tratam-se de locais de assentamento elementares, que aproveitam a existência de "abrigos" naturais sob os afloramentos de granito, estrategicamente localizados em zonas favoráveis à exploração de recursos.

Em maior número mas nunca estudadas, são as necrópoles ou monumentos isolados do tipo "mamao", podendo apenas dizer-se, com base nos inúmeros estudos arqueológicos já feitos do mesmo tipo de monumentos, existentes um pouco por todo o noroeste português, que se trata de testemunhos de ocupação humana com uma cronologia alargada, que geralmente se situam entre os 3.º e 1.º milénio a.C., vinculando-se aos períodos culturais do Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze. Sendo, na sua maior parte, estruturas funerárias, admite-se que os assentamentos das populações que os usaram se localizariam nas proximidades.

Para este percurso foi seleccionado o abrigo de Vale Cerdeira e a necrópole "megalítica" do Chão do Gandos, sítios que podem ser facilmente acedidos a pé a partir das estradas próximas. Contudo, a identificação exacta dos vestígios será facilitada se a visita puder ser acompanhada por alguém que já conheça os locais.



Pormenor do Abrigo de Vale Cerdeira, com muro moderno de protecção.

Povoamento "castrejo"

EXTENSÃO 30 Km

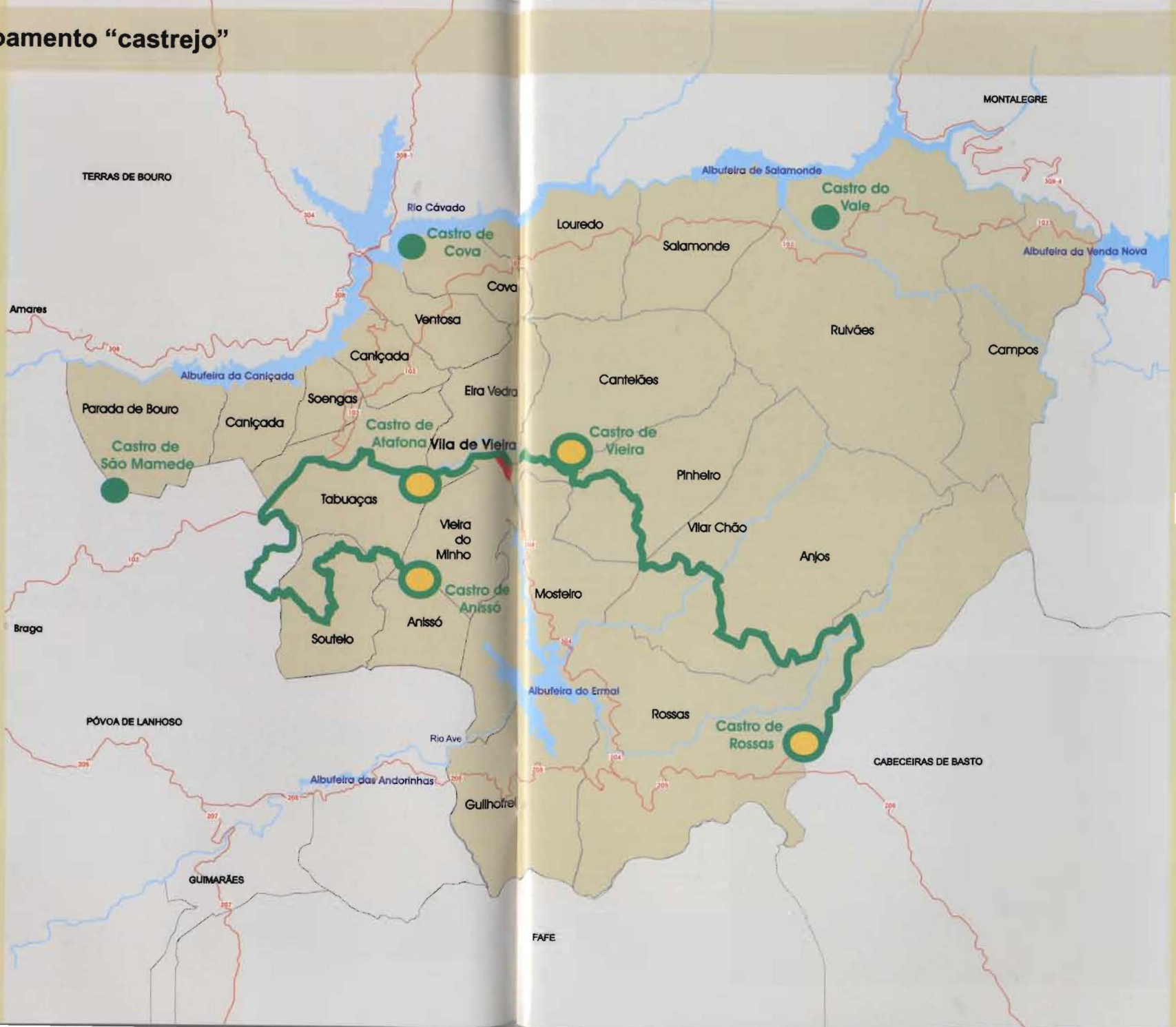
DURAÇÃO 6 Horas

ACESSOS

A partir da Vila de Vieira do Minho, servida pela EN 304. Ligações em Cerdeirinhas, na EN 103 e em Rossas, na EN 304 e 205.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

O acesso é feito de viatura apenas até às proximidades dos Castros, sendo o percurso restante feito a pé, pelo que deve levar calçado adequado. Não existe sinalização, pelo que deve tirar dúvidas perguntando aos habitantes locais.





8 Panorâmica do Castro de Vieira / Cantelães, vista de nascente. O Castro de Vieira / Cantelães situa-se estrategicamente no centro do grande alvéolo que conforma a bacia onde convergem as linhas de água que originam o rio Ave, no sopé da vertente sul da Serra do Cabreira. Implantado no topo de um dos promontórios que recortam a vertente da serra, com a cota máxima de 563 metros de altitude, o sítio arqueológico posiciona-se sobranceiro à ribeira de Cantelães. O povoado fortificado "castrejo" ocupa uma área aproximada de 15 hectares, apresentando um sistema defensivo composto por 3 linhas de muralhas concêntricas, defendendo amplas plataformas artificiais, por onde se distribuem vestígios de construções de plantas circulares e rectangulares. Em trabalhos arqueológicos recentes, recolheram-se instrumentos líticos diversos e fragmentos de peças cerâmicas de tipologia "castreja".



Vista aproximada do Castro de Vieira / Cantelães, evidenciando-se as plataformas artificiais da vertente sul.



Pormenor de troço de muralha na plataforma superior.

Perspectiva panorâmica do Castro de Anissá, vista de nascente. Trata-se de um povoado fortificado que coroa o relevo do crasto, elevação que, com os seus 732 metros de altitude, domina a bordadura poente da cabeceira do rio Ave. Ocupa uma área aproximada de 4 hectares, circunscrita por 3 linhas de muralha.

Os "castros", designação habitual dos inúmeros povoados fortificados que coroam os principais montes do Noroeste Peninsular, são a expressão material, verdadeiramente monumental, da chamada "cultura castreja".

Muitas vezes de fundação mais remota, que pode recuar à Idade do Bronze e com ocupações que, por vezes, se prolongaram até à Baixa Idade Média, a maior parte destes povoados fortificados parece ter-se desenvolvido no decurso da Idade do Ferro, conhecendo o seu apogeu entre os séculos II a.C e II d.C.

No actual território do município de Vieira do Minho são conhecidos 7 povoados "castrejos", diferenciando-se dois conjuntos: na vertente norte da Serra da Cabreira, virados ao rio Cávado e implantados em cabeços/promontórios de meia encosta, identificam-se 3 povoados de pequenas dimensões, sem grandes aparatos defensivos e com escassos indícios de romanização - castros de São Mamede, de Cova e do Vale; na vertente sul da Serra da Cabreira, implantados em relevos proeminentes que dominam os vales iniciais das cabeceiras do rio Ave, conservam-se importantes vestígios de três imponentes povoados fortificados, com indícios de forte romanização - castros de Anissá, de Rossas e de Vieira / Cantelães, e um não romanizado, mais pequeno - castro de Atafona.

O percurso proposto, que nas proximidades dos sítios se faz a pé sobre velhos caminhos carreteiros, permite visitar estes três últimos castros, proporcionando uma percepção única da paisagem, que se oferece como surpreendente e espectacular quando se atinge o topo das plataformas superiores.

O Castro de Rossas, também conhecido como Monte do Castelo, implanta-se num esporão da vertente sudeste da serra da Cabreira, na margem esquerda do traço inicial do rio Ave, elevando aos 725 metros de altitude. Possui 2 linhas de muralha concêntricas que defendem diversas plataformas. A bibliografia referencia para este local o achado de cerâmica indígena.



Via Romana

EXTENSÃO 5 Km

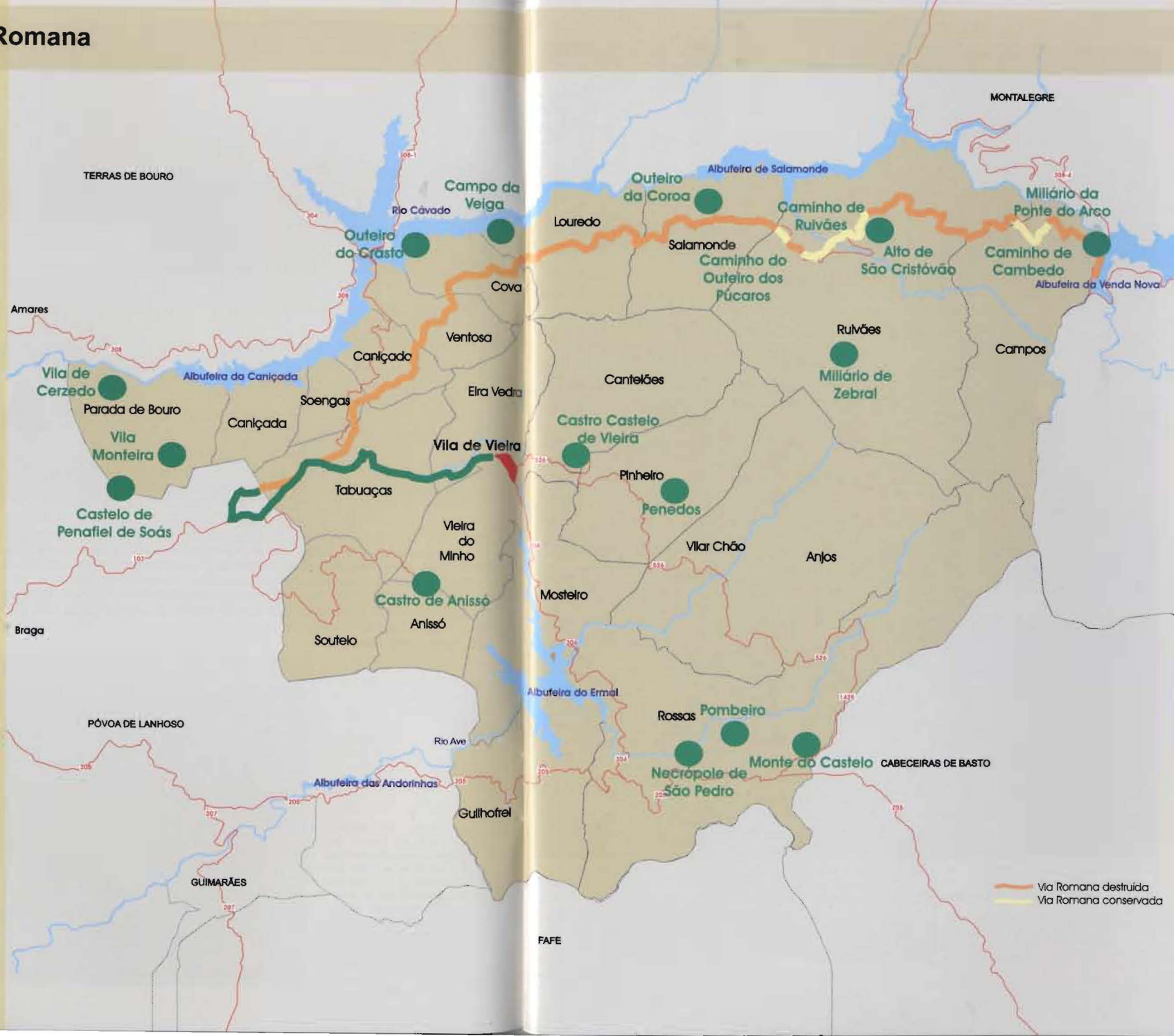
DURAÇÃO 4 Horas

ACESSOS

A partir da vila de Vieira do Minho, servida pela EN 304. Ligações em Cerdeirinhas, na EN 103.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

O acesso é feito de viatura apenas até às proximidades da antiga Via Romana, sendo o percurso restante feito a pé, pelo que deve levar calçado adequado. A sinalização existente, apenas se encontra nas proximidades das povoações localizadas junto à EN 103.





Entre Rebardando (freguesia de Salamonde) e Ruivães conserva-se um bom troço da antiga via. Apresenta-se parcialmente lajeado e ao longo do seu traçado atravessa o pontão da ribeira de Corga de Mendo, o pontão da ribeira de Chedas e a ponte da Rês, Velha ou de Ruivães, como também é conhecida.

Vista parcial sobre a zona de Cambedo, percebendo-se na encosta a plataforma da antiga via, acima da actual estrada.



Após alargarem o seu domínio a todo o Norte Peninsular, os romanos estabeleceram um novo ordenamento territorial, suportado pela criação de um conjunto de grandes cidades e vertebrado por uma rede de estradas que as ligavam entre si e outros importantes povoados da Galécia.

O actual território de Vieira do Minho integrava então o *conventus bracarenis*, sendo atravessado pela importante via militar romana que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga), por *Aquae Flaviae* (Chaves).

Estruturada ao tempo do imperador Augusto (século I), esta ligação viária, que atravessava a rica região mineira do Barroso, aparece registada no *Itinerarium Antonini*, do século III.

O seu traçado no território do município de Vieira do Minho é bem conhecido, correndo pela vertente setentrional das Serras de Cantelães e da Cobreira, virado ao rio Cávado, servindo diversos povoados "castrejos" romanizados e outros povoados abertos de fundação romana. Na sua passagem por esta região era servido por uma estalagem, a *mansio Salatia*, cuja localização exacta permanece desconhecida.

Desde Pousadouro (Tabuaças) até Cambedo (Campos), o seu traçado pouco variava de cota, serpenteando a meia encosta, acompanhando sensivelmente o actual traçado da Estrada Nacional 103.

No Outeiro dos Púcaros, (entre Salamonde e Ruivães), em Ruivães, e no Monte de Cambedo, em Campos, conservam-se bons troços do caminho antigo, que podem ser percorridos a pé.

A via romana no município de Vieira do Minho foi integrado no Projecto das Vias Augustas.



Cabeça de estatueta de uma divindade, talvez Júpiter, em bronze, recolhido no castro romanizado de Rossas.

Vieira Medieval: castelos, igrejas e pontes

EXTENSÃO 50 Km

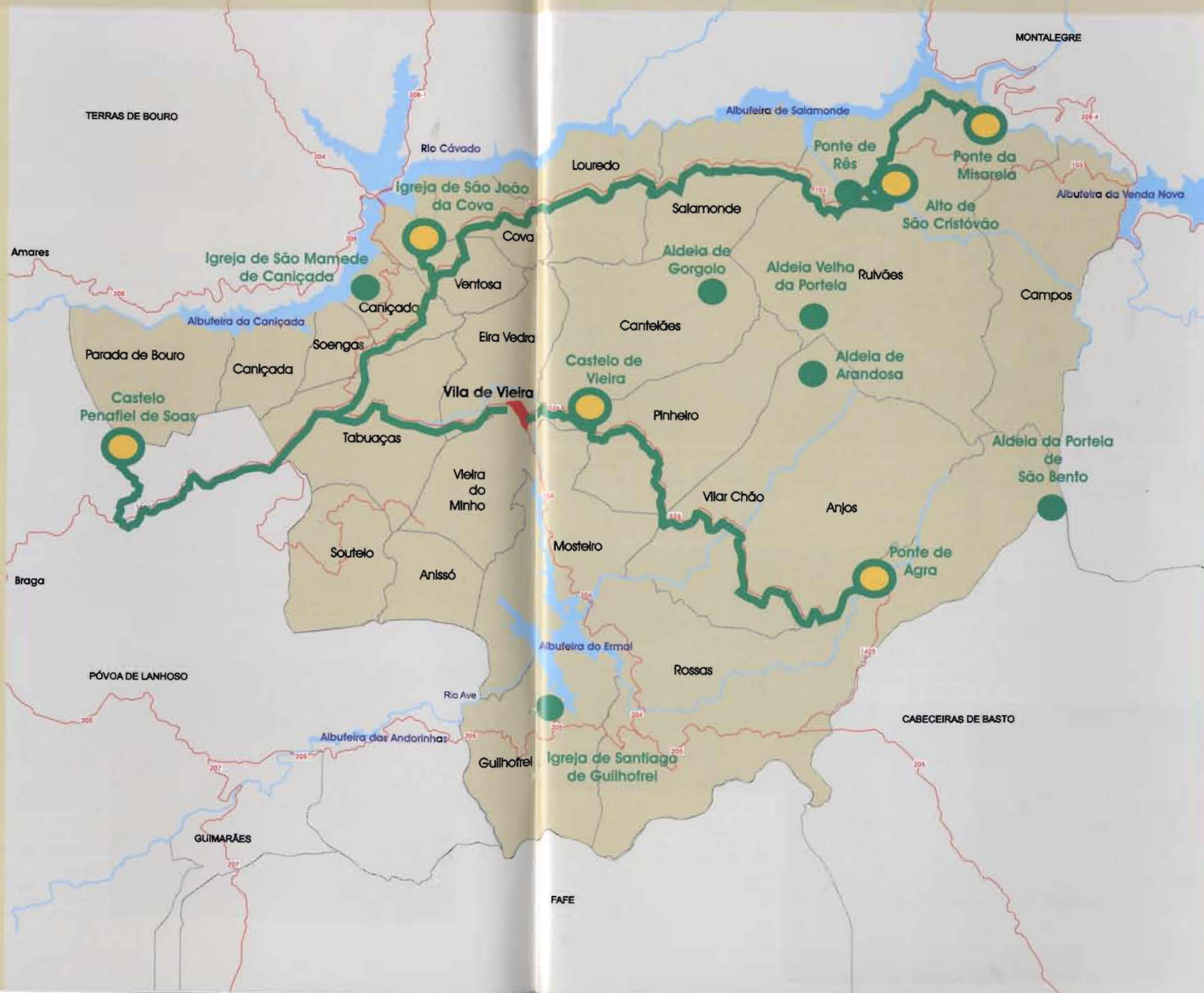
DURAÇÃO 6 Horas

ACESSOS

A partir da vila de Vieira do Minho, servida pela EN 304. Ligações em Cerdeirinhas, na EN 103.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

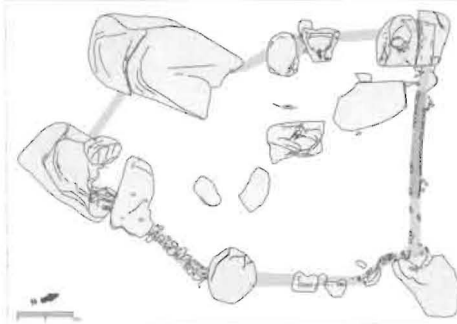
O acesso é feito de viatura apenas até às proximidades da ponte da Misarela e do Castro-Castelo de Vieira, e Alto de São Cristóvão, sendo o percurso restante feito a pé, pelo que deve levar calçado adequado. Nos restantes sítios poderá estacionar a viatura no local. Não existe sinalização, em parte dos sítios, pelo que deve tirar dúvidas perguntando aos habitantes locais.



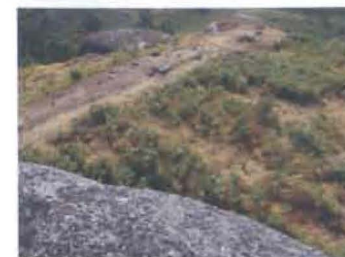


16 Perspectiva geral sobre a ponte da Misarela. Célebre por ter sido palco de combates ao tempo das Invasões Francesas e também por aí se celebrarem os lendários batismos dos "Senhorinhas" e dos "Gervásios", esta ponte é uma natável obra de engenharia, elevando-se a mais de 15 metros sobre o leito do rio Rabagão. Tem um só arco em cavalete, que vence um vão superior a 10 metros, alicerçando-se nas escarpadas margens graníticas.

A Igreja de São João da Cova conserva parte significativa da edificação original de traça românica, destacando-se as cachorradas decaradas e, no portal sul, embora deslocado, um tímpano com cruz vazada. A paróquia de São João da Cova já aparece referida no Censal do Bispo D. Pedro, no século XI.



O Castelo Medieval de Vieira implanta-se na plataforma superior do antigo povoado castrejo de Cantelões. É um característico castelo "roqueiro", com uma única muralha com cerca de 1,5 metros de espessura, que se desenvolve por um perímetro superior a 150 metros, encerrando uma área aproximada de 0,2 hectares. Terá sido aqui a sede do "Território Velaríae" ou "Terra de Veeira", à sombra do qual se fundou o Mosteiro de São João de Vieira, celebrado por aí ter falecido Santa Senhorinha, a 22 de Abril do ano 982.



Perspectiva da muralha nascente.



Pormenor de entalhes para assentamento da muralha.

Castelos, igrejas e pontes são as mais comuns expressões arquitectónicas da Idade Média, ocupando um lugar especial no imaginário popular, que neles identifica simultaneamente os símbolos de poderes antigos e lugares que evocam a lendária oposição entre cristãos e mouros.

No município de Vieira do Minho conhecem-se dois castelos medievais, o de São Mamede (Parada de Bouro) e o de Vieira (Cantelões). O primeiro foi cabeça da Terra de Penafiel de Soás e o segundo sede da Terra de Veeira, território no qual tem origem o Município de Vieira do Minho.

Das igrejas paroquiais de Vieira do Minho, todas já referenciadas pelo menos desde o século XI, nenhuma manteve a sua arquitectura original e muito poucas conservam testemunhos das edificações de estilo românico, que aqui conheceu uma expressão marginal. Distingue-se entre todas, a igreja de São João da Cova, com restos interessantes da fábrica românica, como o portal lateral com tímpano de cruz vazada.

Das pontes, obras que na Idade Média mereceram a atenção empenhada dos senhores das terras, dos abades de mosteiros e da coroa, porque serviam as ligações viárias que estruturavam o território, conservam-se em Vieira do Minho vários exemplares de boa fábrica medieval, servindo as mais importantes ligações regionais ao Barroso, Rossas e Basto, ou simples ligações locais, avultando entre todas a Ponte da Misarela, notável tanto pelo engenho revelado na sua construção como pela sua implantação espectacular sobre as escarpas do rio Rabagão, servindo a via medieval que acompanhava o vale do rio Cávado em direcção ao interior galego.

No Outeiro de São Cristóvão conservam-se vestígios de sepulturas antropomórficas escavadas na rocha granítica, nas proximidades das ruínas de um edifício que o povo identifica como a primitiva Capela de São Martinho. Trata-se do lugar que outrora correspondeu ao povoado medieval de São Martinho de Vilar de Vacas, freguesia referenciada nas Inquirições de 1258 e da qual terá evoluído a actual freguesia de Rulvães.



Gravuras Rupestres

EXTENSÃO 45 Km

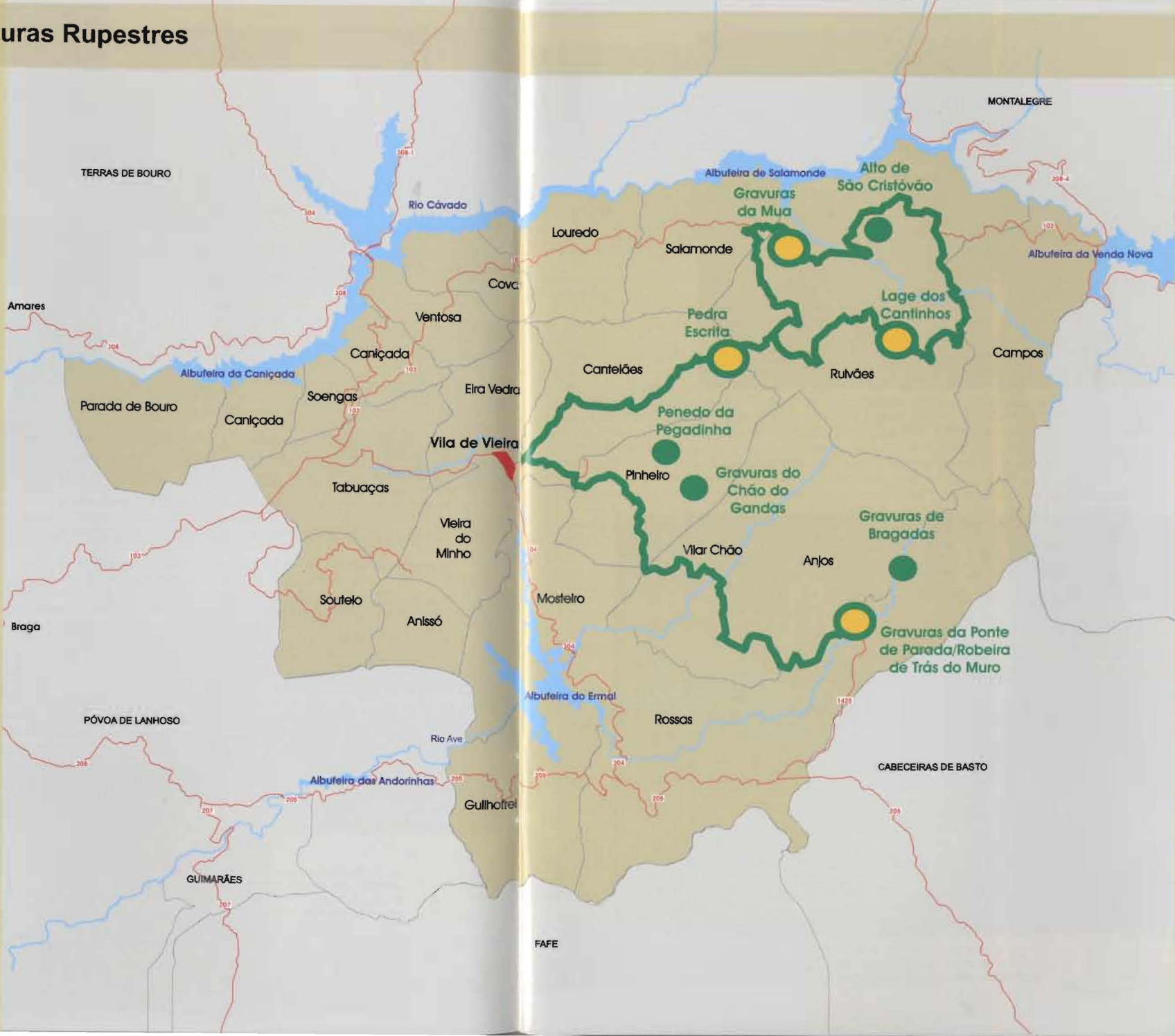
DURAÇÃO 7 Horas

ACESSOS

Percurso norte - A partir da vila de Vieira do Minho em direcção à Serradela pela EM 1410 e posteriormente EN 103.
Percurso sul - A partir da vila de Vieira pela EM 526 até Agra e posteriormente EM 1425 e EN 205.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

O acesso é feito de viatura até às proximidades dos sítios, onde se arranja com facilidade lugar de estacionamento. Nenhum dos sítios com gravuras está sinalizado, excepto a Pedra Escrita, pelo que deve tirar dúvidas perguntando aos habitantes locais.





Pormenor de gravura, percebendo-se a data de 1790.

Perspectiva geral da Pedra Escrita. No painel vertical do afloramento granítico foram gravadas, com sulcos mais ou menos profundos, motivos cruciformes simples ou inscritos em círculos, motivos circulares e alguns letreiros com datas dos séculos XVII a XIX.



A montante da Ponte de Agra, na margem esquerda da ribeira de Trás do Muro, junto ao caminho, num painel horizontal, identifica-se uma gravura sulcada que representa um cão com um caçador com uma espingarda. De cronologia recente, esta gravura testemunha o permanência do prática de execução de gravuras rupestres.



A Laje dos Cantinhos é um dos mais ricos conjuntos gravados de Vieira do Minho, encontrando-se em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público. Na face horizontal de um afloramento granítico, distribuindo-se por uma área aproximada de 100 m², foram gravados inúmeros motivos quadrangulares reticulados, cruzes com covinhas nos extremos e estrelas de David inscritas em círculos, denunciando uma inspiração religiosa cristã.

As gravações de motivos diversos em afloramentos rochosos ao ar livre, relativamente comuns no Noroeste de Portugal, constituem uma das mais interessantes expressões da ocupação humana do território, reconhecendo-se-lhe funcionalidades diversas e significados variados, alguns eventualmente já inapreensíveis por nós.

Também no município de Vieira da Minho se conhecem alguns conjuntos de gravuras rupestres, dispersos pelas vertentes da Serra da Cabreira, junto a caminhos ou nas proximidades de ribeiros e de cabanas de pastores, marcando simbolicamente esses espaços, conferindo-lhes mesmo alguma monumentalidade.

A maior parte dos conjuntos conhecidos parecem vincular-se à marcação de termos, sucessivamente repetidos, em que a cronologia mais antiga se poderá recuar ao fim da Idade Média ou princípios da Idade Moderna e a mais recente já do último terço do século XX. Outros, raros, parecem correlacionar-se com testemunhos da Pré-história Recente.

As técnicas de gravação variam entre a martelagem, o picotado e o abrasão e as gramáticas figurativas centram-se em torno dos quadrados, nas covinhas, nas cruzes ou em desenhos compostos de círculos, estrelas e cruzes. Mais raros são os motivos antropomórficos e zoomórficos. As gravuras apresentam-se tanto em painéis verticais como horizontais.

Para este percurso seleccionaram-se os conjuntos rupestres da Pedra Escrita, da Ponte da Mua, da Laje dos Cantinhos e da Ponte de Parada / Ribeira de Trás do Muro. No primeiro e no segundo dominam as cruciformes, de tipologias claramente modernas, com cronologias seiscentistas e setecentistas; no terceiro, dominam os quadrados, reticulados e com covinhas e figuras compostas de tipologia cristã; e no quarto, com pequenos núcleos de diversos dos tipos anteriores, acrescentando-se um núcleo com representações contemporâneas de cenas de coça.



Pormenor da gravura principal do núcleo de Bragadas.

Aldeias

EXTENSÃO 60 Km

DURAÇÃO 1 Dia

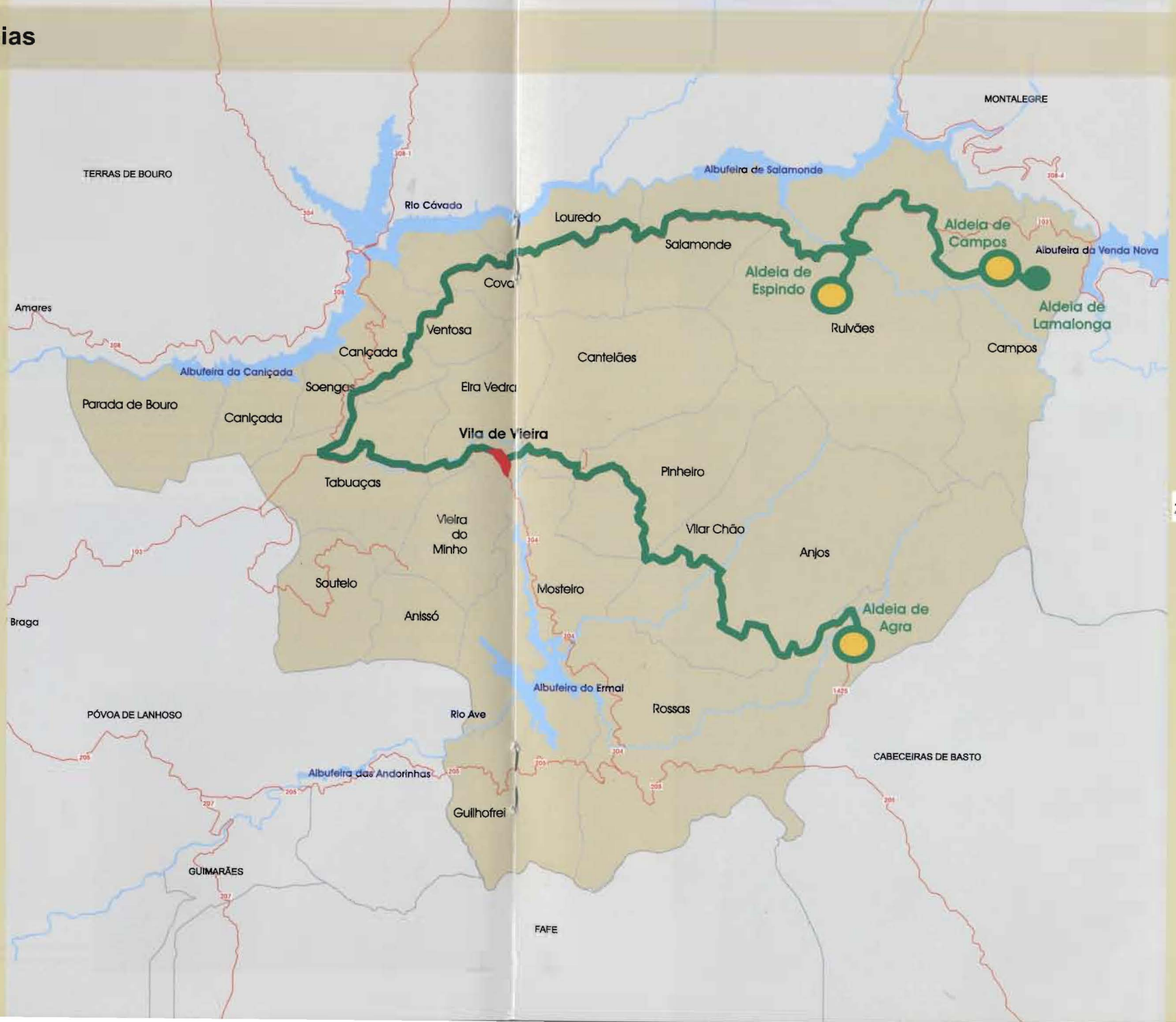
ACESSOS

Percurso 1 - A partir da vila de Vieira do Minho em direcção às aldeias de Espinho pela EN 103 e EM 1390 e Campos, pela EN 103 e EM 623.

Percurso 2 - A partir da vila de Vieira pela EM 526 até Agra.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

O acesso é feito de viatura até às Aldeias. Poderá obter quaisquer esclarecimentos perguntando aos habitantes locais.





Aldeia de Campos.



Aldeia de Espinho.

A matriz do povoamento do município de Vieira do Minho, na qual se distingue um povoamento disperso nos vales baixos (a "ribeira") e um povoamento concentrado na vertente inferior das serras ou na bordadura do planalto de Barroso (a "montanha"), tem origem no povoamento medieval fixado nos séculos XII e XIII, então como hoje orientado para uma economia de base agro-silvo-pastoril.

Essa estrutura de povoamento ainda se reconhece na distribuição actual dos aglomerados populacionais, apesar das mudanças registadas a partir do último terço do século XX, as quais se traduziram na diminuição da população nos núcleos rurais mais isolados e aumento de construção nas zonas de vale melhor servidas por transportes.

Alguns núcleos populacionais rurais serranos ainda conservam a sua estrutura antiga, não se tendo alterado a íntima relação com os espaços agrários envolventes - as veigas profusamente irrigadas, onde se cultiva tudo o que é necessário ao sustento das famílias (hortícolas, milho, batata); mais afastados, pequenos bosques e zonas de matos continuam a fornecer material para a cama dos gados; na serra alta, pastam os rebanhos e manadas (cabras, bovinos e equinos), em algumas localidades ainda em regime de vezeira.

Nas aldeias de Espinho, Campos e Agra, que seleccionamos para integrar este percurso, os visitantes podem encontrar bons exemplares de arquitectura vernácula (habitações, moinhos, espigueiros, fornos) e passear por paisagens equilibradas, e especialmente tomar contacto com práticas de trabalho tradicionais e perceber o notável esforço das populações na construção e manutenção da paisagem.

Porque constituem recursos patrimoniais e culturais importantes, algumas destas aldeias têm vindo a ser objecto de programas de conservação e requalificação, existindo já uma razoável oferta de alojamento turístico que aproveita edifícios recuperados, facultando ao visitante um contacto mais duradouro e directo com as populações e com o território.



Aldeia de Agra. Casa da Escalreira.

Fojos e Cabanas

EXTENSÃO 60 Km

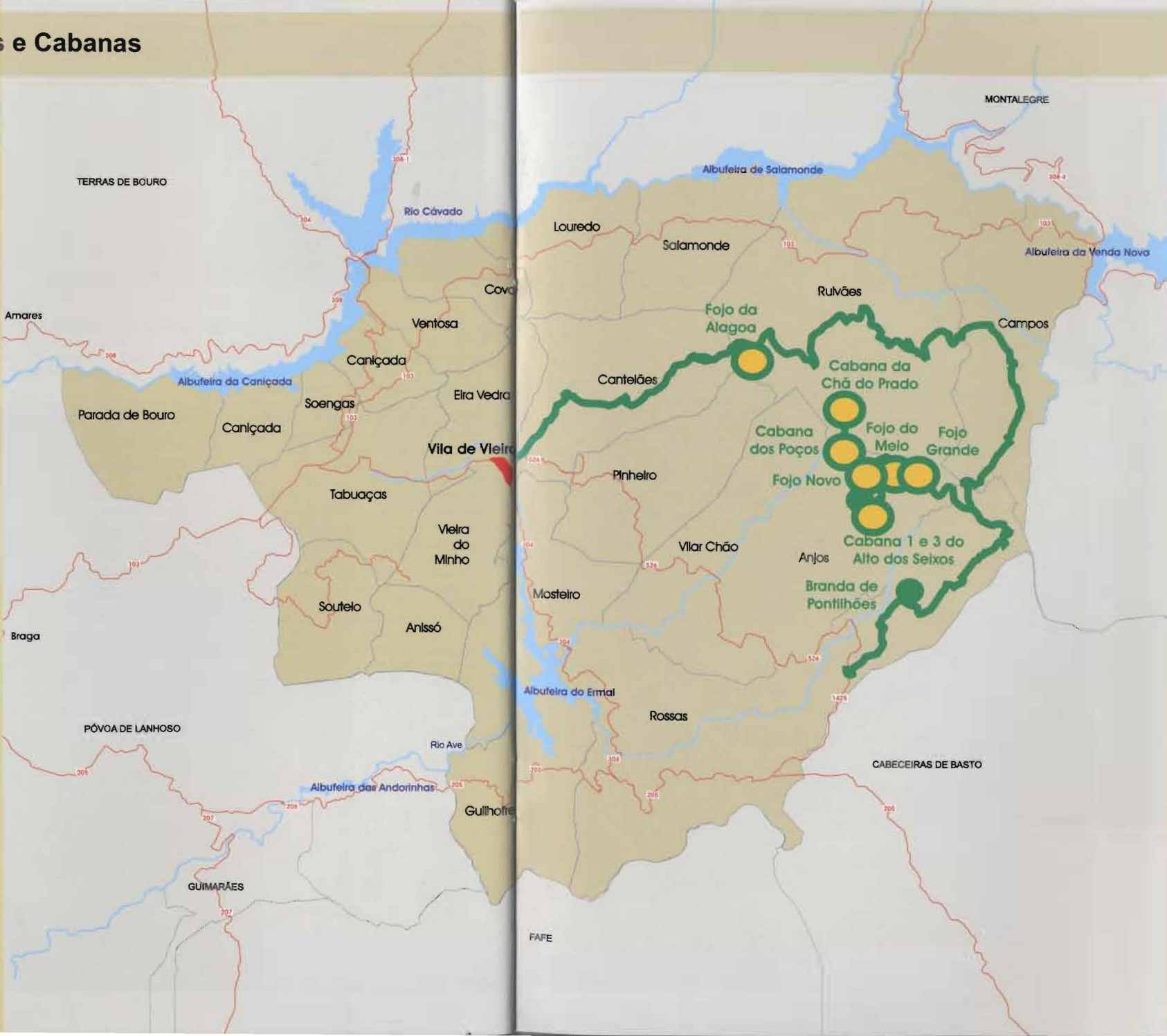
DURAÇÃO 1 Dia

ACESSOS

A partir da vila de Vieira do Minho, em direcção a Cantelães e à Serradela e daí pela estrada florestal em direcção a Zebral, à Chã do Prado e por fim em direcção à aldeia.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

O acesso é feito de viatura até aos Fojos e até algumas das Cabanas que se situam junto à estrada florestal, podendo estacionar no local, com excepção das Cabanas 1 e 3 do Alto dos Seixos, que deverá ser feito a pé. Nenhum dos locais se encontram sinalizados, no entanto, sempre pode tirar dúvidas perguntando aos habitantes locais.





Fojo Novo. Perspectiva do paredão nascente.



Pormenor do poço.



Fojo Grande. Perspectiva geral e pormenor da entrada do poço.

A Serra da Cabreira, especialmente na vertente meridional, conserva um importante conjunto de cabanas e currais destinados a acolher os pastores e o gado, e ainda os fojos de lobo, armadilhas de caça nas quais se procurava capturar e abater os lobos, antecipando a subida dos gados para a serra, relacionando-se assim também, ainda que indirectamente, com a pastorícia.

Servidas por caminhos de pé posto, que prolongavam, acima dos 600-700 metros de altitude, os caminhos carreiros que serviam as vertentes inferiores, as cabanas e currais e os fojos eram objecto de manutenção periódica, assegurada pelas populações do vale.

Já referenciadas nas "Memórias Paroquiais" de 1758, muitas destas construções deverão datar dos séculos XVI-XVII, admitindo-se para algumas uma cronologia mais recuada, sendo certo que o máximo desenvolvimento das actividades agro-silvo-pastoris em torno da Serra da Cabreira se verificou entre meados do século XIX e meados do século XX.

No actual território do município de Vieira do Minho são conhecidos 4 fojos e mais de meia centena de cabanas de pastor (algumas agrupadas em verdadeiras "brandas" pastoris), aqueles implantados próximo da linha de cumeada da serra, praticamente todos acima dos 1100 metros de altitude, e estas junto das chãs mais húmidas ou em pequenos recortes das vertentes, a partir dos 650 metros de altitude.

Os 4 fojos da Cabreira (3 dos quais em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público), apresentam a típica planta em V descendo da cumeada para as linhas de água, aí se localizando o poço circular e profundo, onde caíam os animais afugentados. São obras monumentais, com paredes com cerca de 2,5 metros de altura e que no conjunto se estendem por cerca de 2,5 quilómetros.

As cabanas são construções mais modestas, quase sempre de planta circular, com paredes de simples pedras sobrepostas, com cobertura de lajes e de torrões de terra.

O percurso proposto permite visitar os quatro fojos da Cabreira, designados por Fojo Grande, Fojo do Meio, Fojo Novo e Fojo da Alagoa, aos quais se acede facilmente desde os estradões e ainda as cabanas designadas por Cabana do Alto dos Seixos, Cabana dos Poços, Cabana de Chã do Prado e a Branda do Pontilhão, às quais se acede através de pequenos percursos a pé, facultando estes uma visão única da paisagem do vale superior do rio Ave.



Cabana 3 do Alto dos Seixos. Perspectivo geral e pormenor do interior da abóbada.

Moinhos

EXTENSÃO 60 Km

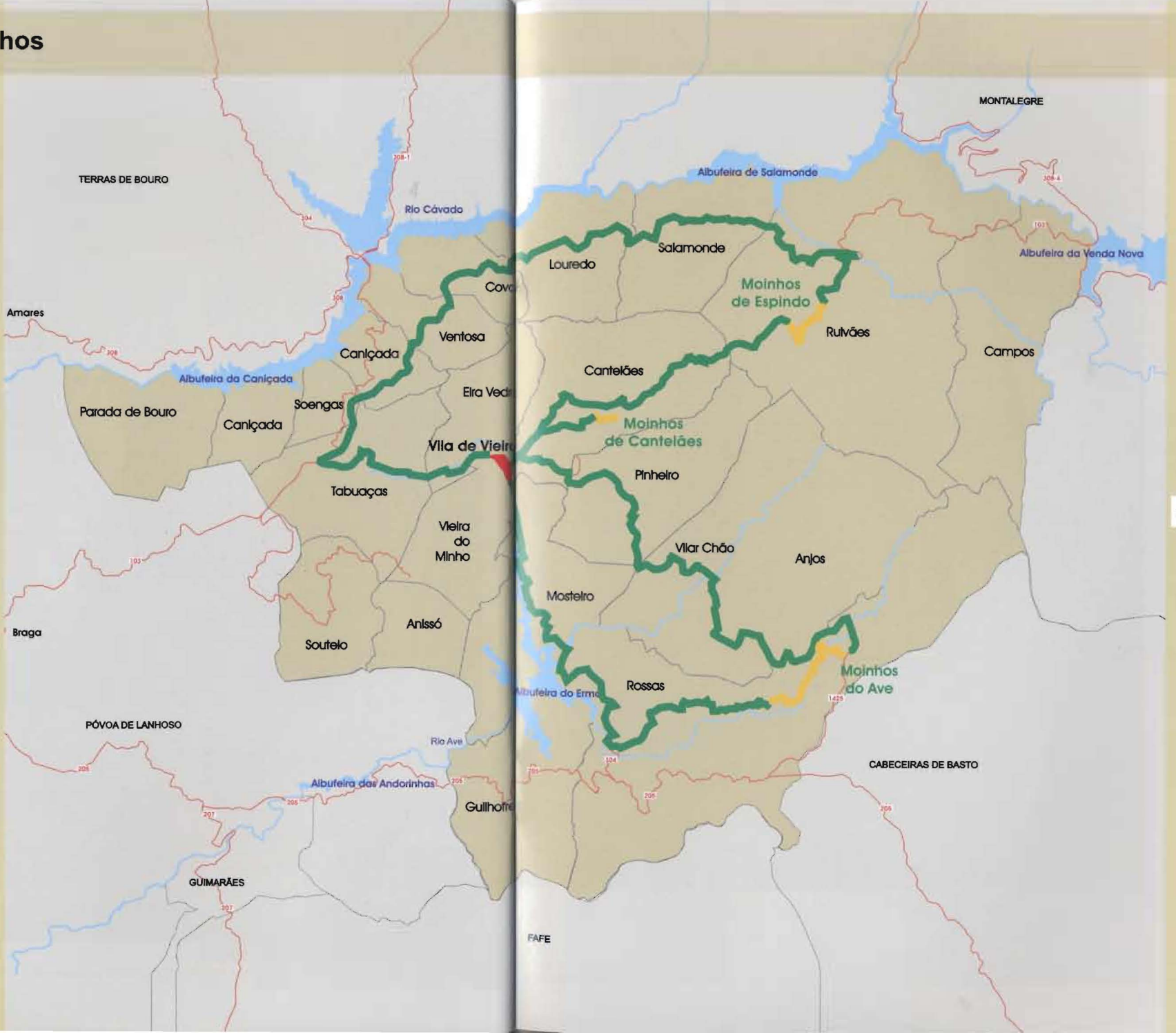
DURAÇÃO 1 Dia

ACESSOS

A partir da vila de Vieira do Minho, em direcção a Cantelães pela EM 1410, até Agra pela EM 526 e até Espinho pela EN 103 e EM 1390.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

O acesso é feito de viatura apenas até às proximidades, sendo o percurso restante feito a pé, pelo que deve levar calçado adequado. Apenas existe sinalização para os moinhos do Ave, pelo que deve tirar dúvidas perguntando aos habitantes locais.





Moinho do Conde, Espindo.

Os moinhos de rodízio horizontal, movimentados pela força da água aduzida por caleira e cubo, marginando as inúmeras linhas de água que recortam os vales e encostas minhotas, são uma das mais características expressões arquitectónicas do Entre Douro e Minho, constituindo-se como verdadeiros marcadores da paisagem.

Documentados já nos séculos anteriores à formação do reino de Portugal, os moinhos de água são pequenos edifícios de planta rectangular e cobertura telhada de duas águas, frequentemente construídos com rude aparelho granítico, possuindo geralmente uma só moenda, sendo raras instalações com duas moendas. Proliferaram a partir dos séculos XVII-XVIII, com a difusão do cultivo do milho mais ou milho grosso, o cereal que passou a constituir a principal produção agrícola.

Os moinhos inventariados em Vieira do Minho inscrevem-se quase na sua totalidade no tipo de "moinho de rodízio horizontal com penas, de propulsão inferior", aduzindo-se a água através de levadas e caleiras mais ou menos estruturadas, por vezes recolhendo a água a várias centenas de metros ou mesmo quilómetros. Junto ao moinho a água adquire "peso" e velocidade precipitando-se por uma caleira em rampa ou num cubo (espécie de pequeno poço) vertical e embate nas penas do rodízio, localizado na "cave" do edifício. O rodízio roda fixo a um eixo vertical, que por sua vez faz movimentar a mó superior (movente), que tritura o grão esmagando-o contra a mó inferior, fixa (dormente ou pauso). As mós são circulares, com cerca de 1 metro de diâmetro, em granito.

Pelas suas características construtivas e pela sua implantação e acessibilidade, seleccionaram-se para este percurso apenas três núcleos de moinhos, cuja visita permitirá conhecer não só o tipo de construções mais comuns mas, sobretudo, pelo carácter rural da paisagem conservada, apreender o importância que estes equipamentos tinham na economia agrária dominante e, igualmente importante, perceber o engenho que presidiu à sua implantação de modo a aproveitar com sabedoria os cursos de água existentes.

Os três núcleos de visita propostos são: moinhos da Ave (núcleo da Candosa / Agra), moinhos de Cantelões (núcleo de São Pedro / Turio) e moinhos de Espindo (núcleo da Ribeira de Chedas).



Caminho dos Moinhos da ribeira do Turio.



Vista sobre o Moinho na rio Ave, Agra.

Santuários

EXTENSÃO 52 Km

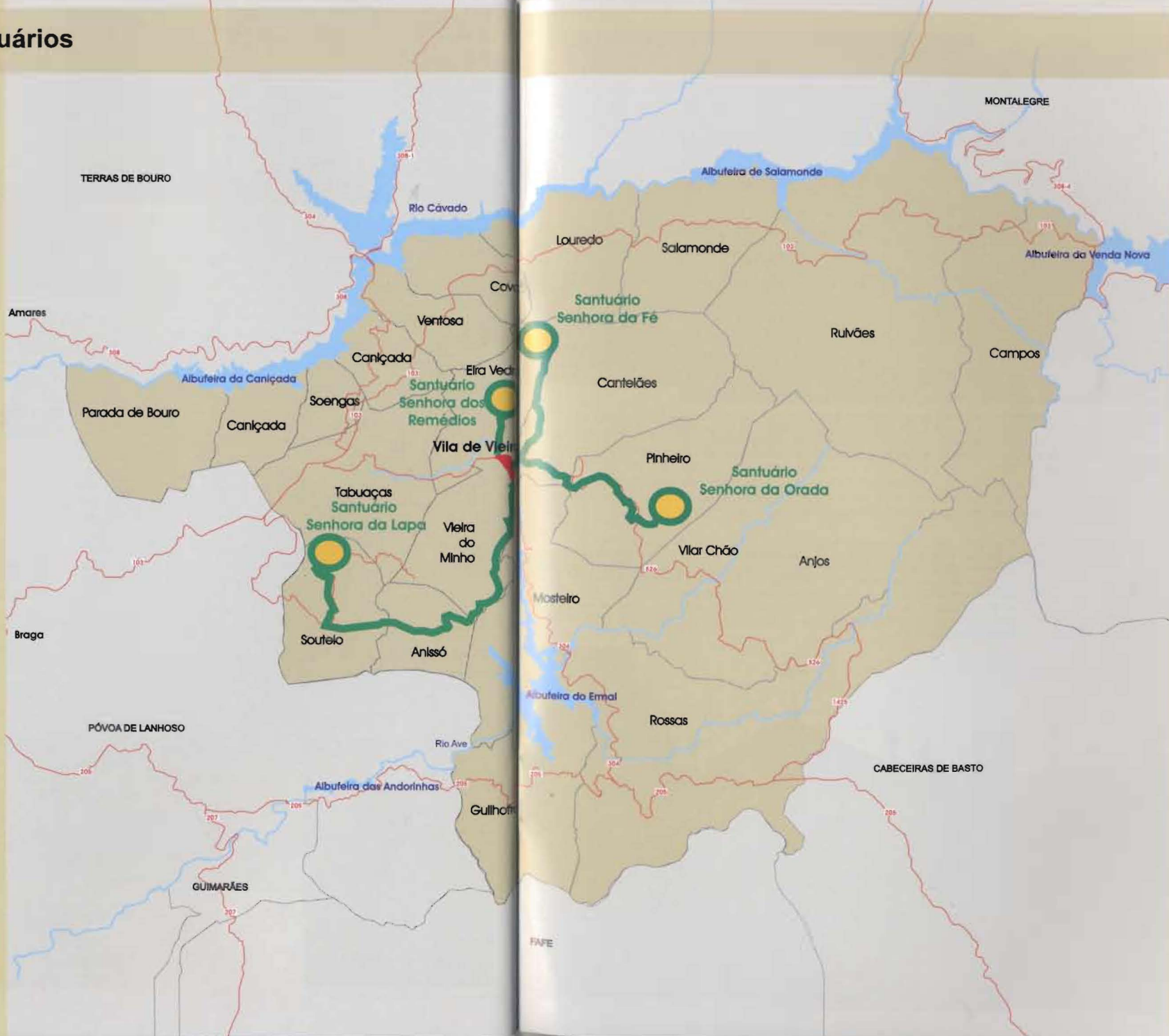
DURAÇÃO 1 Dia

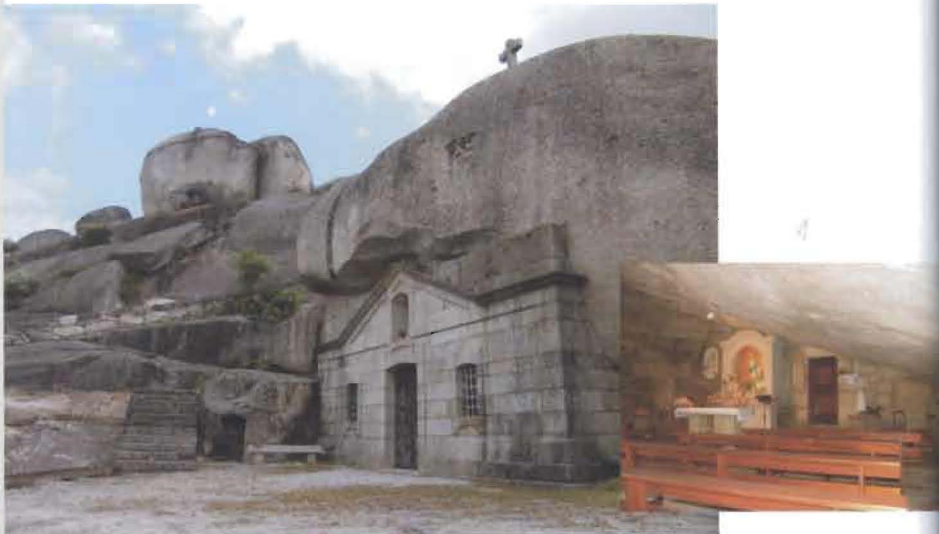
ACESSOS

A partir da vila de Vieira do Minho, pela EM 526 em direcção a Pinheiro, pela EM 599 e 600 em direcção a Soutelo, pela EM 1410 em direcção a Cantelães e pela 528 e 1409 em direcção a Eira Vedra.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

O acesso é feito de viatura até aos Santuários, podendo estacionar no local. Todos os locais se encontram sinalizados, no entanto sempre pode tirar dúvidas perguntando aos habitantes locais. Não deve estranhar que o Santuário da Senhora dos Remédios esteja sinalizado como São Francisco, pois esta é a invocação actual.





O Santuário de Nossa Senhora da Lapa localiza-se na cumeeada do Monte de Penamourinha na freguesia de Soutelo. Foi mandado construir por João Gonçalves e sua mulher Margarida da Silva em 1694, aproveitando os afloramentos graníticos do local. Tem peregrinação no 2.º domingo de Julho, dia em que o recinto do Santuário, com coreto e várias instalações de apoio, se enche de fiéis.



O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, actualmente mais conhecida por Capela de São Francisco, edificou-se em 1686, na meia encosta sobranceira à freguesia de Eira Vedra, a que pertence. No interior, em tábua pintada, conserva notícia de privilégio concedido pelo Papa Pio VI [1775-1799]. Tem romaria no domingo mais próximo de 20 de Maio.

Os séculos XVII e XVIII foram uma época de florescimento do culto mariano, materializado na reconstrução ou edificação nova de santuários de peregrinação dedicados ao culto da Virgem, de quem se espera uma protecção alargada. Assim aconteceu também em Vieira do Minho, com inúmeros santuários dispersos pelo seu vasto território, servindo uma população de grande fervor religioso. Entre todos destacam-se os santuários de Nossa Senhora da Orada, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora dos Remédios e Nossa Senhora da Fé, convergindo neste último a grande peregrinação anual do arcepriestado de Vieira do Minho.

Construídos quase sempre em lugares proeminentes da serra, são bem o testemunho da definitiva apropriação dos montes pelas populações dos vales, sacralizando espaços até então dominados por medos e superstições.

O Santuário de Nossa Senhora da Orada abriga-se num pequeno alvéolo da vertente da Serra da Cabreira, no meio de um bosque. Com peregrinação no 3.º domingo de Julho, linha por tradição ofertar-se sal e telhas.



O Santuário de Nossa Senhora da Fé implanta-se na encosta sul da Serra de Cantelões, pertencendo à freguesia do mesmo nome. Acolhe a peregrinação anual do arcepriestado de Vieira do Minho, realizada no 1.º domingo de Junho. Era tradição, já perdida, de se fazerem pagamentos de promessas transportando-se peregrinos dentro de um caixão ou amortalhados. O recinto do Santuário tem dois coretos e uma fonte e alarga-se à plataforma onde se ergue a grande cruz de betão armado que sinaliza para o vale a existência do Santuário.



Solares

EXTENSÃO 70 Km

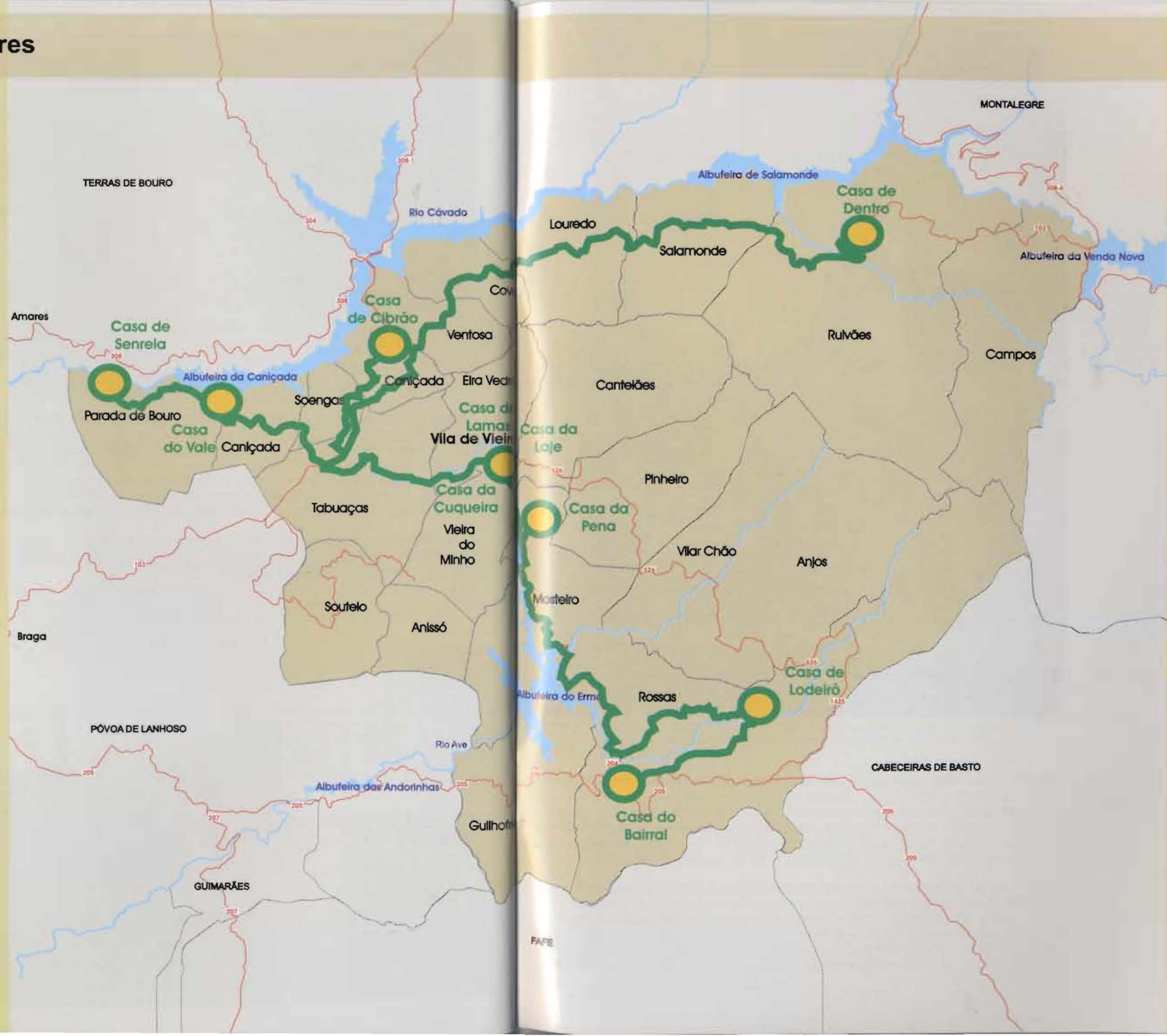
DURAÇÃO 1 Dia

ACESSOS

A partir da vila de Vieira do Minho, em direcção a Parada de Bouro e Caniçada, pela EN 304 e EM 595. Em direcção a Ruivães pela EN 103, e por fim em direcção a Mosteiro e Rossas pela EM 304.

DIFICULDADES E RECOMENDAÇÕES

O acesso é feito de viatura até aos locais. Apenas as Casas adaptadas a turismo habitação estão sinalizadas, como é o caso da Casa da Cuqueira, na vila, a casa de Cibrão, na Caniçada e a casa de Dentro, em Ruivães. As outras, sendo privadas, poderão estar fechadas e não são visitáveis pelo público. Sempre que tiver dúvidas poderá perguntar aos habitantes locais.





A Casa da Lage, em Vieira do Minho, terá sido construída por Antónia Joaquim Vieira Rebelo, monteiro-mor de Vieira, que recebeu carta de brasão de armas em 1802.

Os solares ou casas senhoriais rurais são uma das mais expressivas modalidades arquitectónicas do Minho setecentista. Vinculadas a domínios agrários mais ou menos extensos, a sua edificação foi possível graças ao aumento da riqueza dos seus proprietários, proporcionada tanto pelo maior rendimento do milho maiz ou milho grosso, que conheceu então uma larga aceitação e difusão, como pelos proventos do ouro e dos diamantes do Brasil, que a nobreza rural soube aproveitar para acrescentar as suas propriedades e influência.

Sem grandes variações na tipologia das edificações, que se caracterizam basicamente pela disposição de corpos rectangulares em torno de um pátio central, desenhando plantas em "U" ou em "L", tal qual as grandes casas de lavoura, os solares são construções de grande sobriedade arquitectónica, limitando-se as expressões artísticas, de sabor barroquizante, à decoração arquitectónica dos vãos de portas e de janelas, às empenas, às capelas onexas e, principalmente, aos portais de aparato, onde quase sempre foi mandada colocar a pedra de armas da família proprietária.



Assim foi também no território do actual município de Vieira do Minho, onde se registam dez solares (Casa de Lamas, Casa da Laje e Casa da Cuqueiro, em Vieira do Minho; Casa da Pena, em Mosteiro; Casa de Dentro, em Ruivães; Casa de Cibrão, em Caniçada; Casa do Vale e Casa de Senrela, em Parada de Bouro; Casa do Bairral e Casa do Lodeiró, em Rossas). Uns ainda propriedade das famílias originais, outros já não, alguns bem conservados e habitados, outros encerrados ou já abandonados e raros em estado de franco abandono e ruína.

Com excepção da Casa de Lamas, propriedade do Município de Vieira do Minho, que pretende adaptar a equipamento cultural, todos os outros são propriedade privada, de acesso reservado. Apesar deste aspecto constituir uma limitação à valorização do percurso, considera-se que este é especialmente enriquecedor por proporcionar o contacto com uma paisagem ainda equilibrada, deixando perceber um ordenamento do espaço agrário consolidado nos séculos XVII e XVIII, no qual os domínios senhoriais, materializados nos seus solares, tiveram um papel determinante.

A Cosa de Lomas, em Vieira da Minho, foi mandada construir cerca de 1760, por Alexandre José de Lemas, que recebeu carta de brasão em 1779.



A Cosa do Cuqueiro, em Vieira do Minho, teve carta de brasão em 1775, atribuída a Antônio Luis Miranda e Meneses. A pedra de armas foi mandada lavar pelo seu bisneto Severiano José de Miranda Magalhães, que restaurou a casa em 1880.



A Casa do Pena, em Mosteiro, data de meados do século XVIII, ostentando a heráldica de família na pedra de armas do portal, mandada esculpir por Pedro António Vieira da Silva de Meireles, cerca de 1752.



A Casa de Dentro, em Ruivães, hoje mais conhecida como Casa do Capitão-Mor, ostenta no portal uma pedra de armas mandada lavar em meados do século XVIII por Antônio José de Magalhães Laborão de Almeida, Capitão-Mor de Ruivães e Cavaleiro professo do Ordem de Cristo.



A Casa de Cibrão, em Caniçada, pertenceu ao capitão Antônio Vieira Barbosa de Araújo, pai de Antônio Vieira Barbosa Correia Pinto, Monteiro-mor do concelho da Ribeira de Soós, que em meados do século XVIII, mandou lavar a pedra de armas que ornamenta o capelo anexo.



A Casa de Senrelo, em Parada de Bouro, recebeu um portal de aparato armoriado em 1777, ano em que foi atribuída carta de brasão ao Capitão Manuel da Silva Sousa Barbosa.




A Casa do Vale, em Parada de Bouro, foi construída nos inícios do século XVIII, recebendo em meados do mesmo século a pedra de armas que coroa o portal de aparato, mandada colocar por Antônio José de Araújo Vale.



A Casa do Bairrol, em Rossas, remonta a sua edificação original ao século XVII, por iniciativa do Capitão-mor Bernardo José Leite da Cunha Voscancelos.



A Casa de Lodeiró, em Rossas, construída na segunda metade do século XVIII, pertenceu em 1779 a Pedro Vieira de Abreu.



Título Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho. Roteiros

Autores Luís Fontes e Ana Roriz

Produção Clara Rodrigues e Ana Roriz

Fotografias Ana Roriz e Luís Fontes

Mapas Clara Rodrigues e Ana Roriz

Editor Município de Vieira do Minho

ISBN: 978-989-95595-1-6

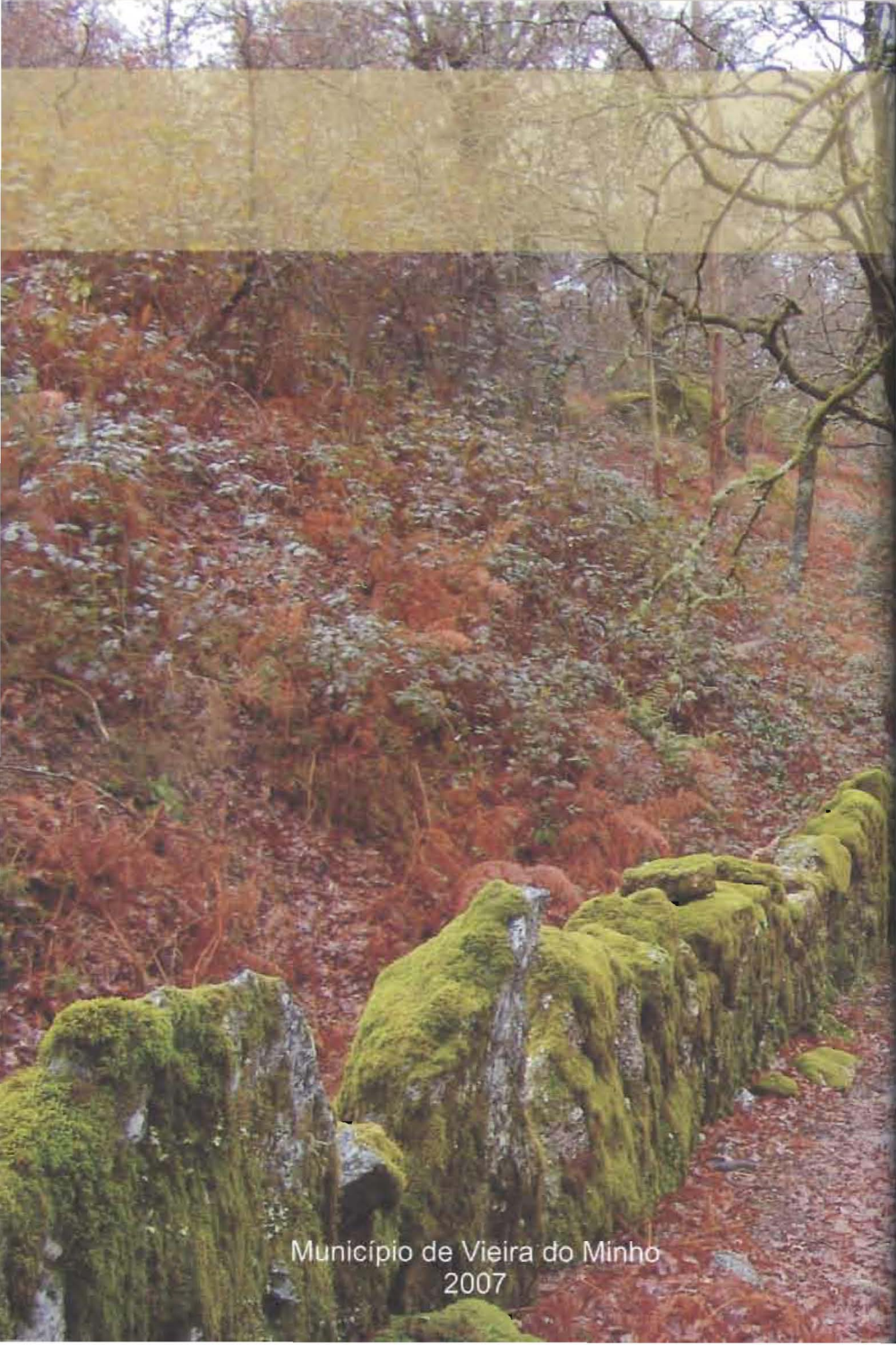
Impressão e acabamentos Oficina São José - Braga

Exemplares: 2000

Depósito Legal: 267229/07

Co-financiado





Município de Vieira do Minho
2007